

Setzer: trabalho com queimadas levou o governo a lançar programas de prevenção e combate a incêndios

# GELO E FOGO

O engenheiro ambiental Alberto Setzer esteve à frente da meteorologia da Antártida e do programa de monitoramento de queimadas

Felipe Floresti



**E**vocar frio e calor ajudam a contar a trajetória do engenheiro ambiental Alberto Waingort Setzer e suas contribuições para a ciência brasileira. De 1984 a 2010 ele coordenou o projeto de Meteorologia Antártica do Brasil e em 1985 idealizou o programa de monitoramento de queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que comandou até 2020. No dia 8 de setembro, Setzer, de 72 anos, jogava tênis em Ubatuba (SP) quando um infarto o matou.

Paulistano, formado em engenharia mecânica pela Escola de Engenharia Mauá (1973), Setzer cursou o mestrado (1977) no Technion Institute of Technology, em Israel, e o doutorado (1982) na Universidade Purdue, nos Estados Unidos, ambos em engenharia ambiental. Ingressou no Inpe em 1977, onde ficou por toda a carreira.

No verão entre os anos de 1984 e 1985, realizou a primeira de 25 missões na Antártida que faria à Estação Antártica Comandante Ferraz. O objetivo era instalar o sistema de meteorologia do Programa Antártico Brasileiro, que começou a funcionar em 1986 para dar suporte às equipes de pesquisa de campo na estação e às dos navios de pesquisa oceanográfica Barão de Teffé e Ary Rongel, da Marinha do Brasil. “De 1995 a 2002 estive em várias missões de campo na Antártida e era o Alberto quem me atualizava com a previsão do tempo ou alguma notícia

relevante para o deslocamento das equipes sobre o gelo. Ele implementou uma rede de pesquisa meteorológica que é reconhecida internacionalmente por sua qualidade”, diz Francisco Eliseu Aquino, climatologista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Entre as características relatadas pelos que o conheciam, a preocupação social parece ter sido a mais importante. “O Alberto resolveu entrar nas questões das queimadas porque viu que era um tema altamente relevante para o país”, afirma o físico Ricardo Galvão, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e diretor-geral do Inpe entre 2016 e 2019. Em 1985, durante um trabalho conjunto do Inpe com a Nasa, a agência espacial norte-americana, Setzer sobrevoou a Amazônia para investigar a composição química do que se pensava ser o ar mais puro do planeta. Os expressivos índices de poluição do ar deixaram os pesquisadores surpresos. Setzer, então, solicitou as imagens do satélite meteorológico Noaa-9, dos Estados Unidos, que mostraram focos de calor na porção sul do bioma amazônico. Foi o primeiro indício científico de que as queimadas aconteciam em proporções tais que eram capazes de mudar a composição da atmosfera e, em larga escala, afetar o clima do planeta.

A confirmação da dimensão de seu impacto foi a motivação para que enca-

beçasse o Projeto de Monitoramento de Queimadas por Satélite. Em ação desde setembro de 1987, escancarou ao mundo o grande volume de queimadas no país e forçou o governo brasileiro a lançar, em 1988, o Pacote Ecológico Nossa Natureza, além de criar a Comissão de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais. Em 1989, nascia o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Sistema de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais.

Setzer esteve à frente do Programa Queimadas por 35 anos. Segundo Galvão, a iniciativa do Inpe de tornar as imagens de satélites disponíveis gratuitamente, em 2004, apoiada por Setzer, teve um impacto enorme. O material é usado por órgãos de governo, organizações não governamentais e empresas privadas. “Somente depois que o Brasil liberou as imagens, a Nasa e a Agência Espacial Europeia fizeram o mesmo.”

A meteorologista Renata Libonati, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comprova o reconhecimento que o pesquisador tinha entre seus pares. “Há 20 anos viajo pelo mundo em conferências e reuniões científicas da área de sensoriamento remoto do fogo, em que ele foi pioneiro, e não há lugar que eu tenha ido em que as pessoas não conhecessem o Alberto e seu trabalho”, conta.

Alberto Setzer deixa a mulher, Adriana Prest Mattedi, e uma filha, Joana Setzer. ■